

A flecha traiçoeira

A guerra entre duas nações de índios já ia longe e, todas as noites, no centro das duas aldeias, os velhos contavam as façanhas de seus guerreiros.

Numa das nações, o jovem Aramirim ouvia fascinado as narrativas da valentia dos companheiros mais velhos.

Na outra aldeia, o pequeno Iraré tremia de orgulho ouvindo os velhos contarem as vitórias dos corajosos guerreiros de sua nação.

Uma manhã, Iraré abaixou-se na beira de um riacho para matar a sede e, de repente, viu refletida na água a figura do jovem Aramirim, seu terrível inimigo!

Por um momento, os dois meninos olharam-se imóveis, desafiadores.

O arco e as flechas de Iraré estavam longe de suas mãos e o pequeno curumim viu Aramirim tomar o arco, colocar uma flecha e apontar cuidadosamente.

– Vamos, Aramirim! – desafiou Iraré, que já era um pequeno guerreiro e não tinha medo de nada, nem da morte. – Quero ver como um covarde mata um valente desarmado!

O pequeno Aramirim nada disse. Retesou a corda do arco e...

Zás! – partiu a flecha cortando o ar.

Zing! – e a flecha foi cravar-se na terra, logo atrás de Iraré.

– Errou! – riu-se Iraré. – Aramirim é só um indiozinho covarde que ainda não sabe atirar flechas. Errou!

Aramirim olhou bem firme nos olhos de Iraré e respondeu:

– Não, Iraré. Aramirim não errou – logo virou as costas e foi embora, desaparecendo entre as sombras da floresta.

Iraré olhou atrás de si: lá estava a flecha de Aramirim, cravada no solo, logo depois de ter trespassado uma venenosa cascavel, que estava pronta para picá-lo!

Aramirim não era um covarde. Era um pequeno bravo guerreiro, capaz de salvar a vida de um inimigo!

Logo os chefes souberam do acontecido e foi feita a paz entre as nações inimigas: os dois caciques finalmente se abraçaram, como chefes de nações irmãs, graças à valentia de um menino!

E as festas que foram realizadas para celebrar a paz entre aqueles dois povos va-



lentes durou muitas luas. E os dois indiozinhos nunca mais se separaram!